

Resumos

Sessão 4. Crença, Mito e Religião

Psicografia e edição: o percurso gerativo da expressão nas cartas de Chico Xavier

Cintia Alves da Silva (UNESP - FCLAr)

Prática de cunho cultural e religioso, popularizada por Francisco Cândido Xavier (1910-2002), o “médium” Chico Xavier, como ficou conhecido, a psicografia ou escrita mediúnica integra as manifestações culturais letradas que buscam legitimar o referencial doutrinário do espiritismo no Brasil. Seu produto imediato, o texto psicográfico, constitui peça fundamental na consolidação e na atualização desse sistema religioso, que, ao valorizar uma cultura bibliográfica, impulsiona, por consequência, a dinâmica de um crescente mercado editorial espírita. Dentre as suas modalidades, destacamos a prática psicográfica epistolar, isto é, a escrita de cartas atribuídas a “autores espírituais”. Na obra de Xavier, constituída de mais de 450 títulos, dos mais diversos gêneros e estilos, cerca de 100 deles são compilações das chamadas “cartas familiares”, também conhecidas como “cartas consoladoras”. Essas cartas eram destinadas, em sua maioria, a pais e cônjuges enlutados, que as buscavam em sessões públicas de psicografia, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba (MG), entre as décadas de 1970 e 1990. Muitas das obras epistolares de Chico Xavier vêm sofrendo sucessivas reedições nos últimos trinta anos, comprovando que o interesse pelas cartas familiares, a despeito de seu caráter particular, não se restringiu às famílias enlutadas, sendo lidas ainda hoje. Assim, sob a perspectiva da semiótica greimasiana e com base nas contribuições de Jacques Fontanille, especialmente no que se refere ao modelo de hierarquia dos níveis de pertinência semiótica, propomos traçar o percurso gerativo do plano da expressão nas cartas de Chico Xavier. Partindo do nível das práticas, pretendemos demonstrar como as formas de integração entre os níveis de pertinência nos possibilitam apreender a carta psicográfica, enquanto semiótica-objeto, em duas dimensões distintas: por um lado, a religiosa, no âmbito do espiritismo; por outro, a de edição, na consolidação de uma “literatura” espírita. (cinalv@gmail.com)

O hino da paixão, segundo São João apócrifo*Guilherme Demarchi (USP - FFLCH)*

O “Evangelho de São João Apócrifo”, também conhecido como “Evangelho Secreto de João”, é um texto gnóstico, de autoria atribuída ao evangelista. Durante os primeiros séculos da Era Cristã, diversos textos refletiam e embasavam a fé que se formava. Alguns, chamados canônicos, foram aqueles aceitos pela ortodoxia como legítimos representantes da fé apostólica. Os demais, apócrifos, embora não compusessem o cânon, serviram também para a propagação do cristianismo e são provas hoje da diversidade de crença entre as diferentes comunidades cristãs primitivas. A passagem que pretendemos apresentar trata de um hino, entoado por Jesus momentos antes de sua prisão. Nele o Mestre entoa versos que serão interpretados como profundas revelações acerca do universo e da natureza de Cristo, transmitindo ensinamentos característicos do gnosticismo. Neste estudo, apresentaremos, com auxílio da teoria semiótica, elementos que nos permitem compará-lo com os textos canônicos, sobretudo com o Evangelho segundo São João, que, dentre os quatro canônicos, é aquele que exalta a divindade de Jesus. Os momentos que precedem a prisão e a crucificação, as naturezas humana e divina de Cristo e o sentido de sua morte e ressurreição serão os pontos em que incidirão nossa análise, sem pretender, entretanto, chegar a uma defesa acerca da autoria dos textos. Todavia, os dados obtidos poderão ser indicativo de distância ou de proximidade entre ortodoxia e heterodoxia.

(*guilhermedemarchi@yahoo.com.br*)

A paixão da resignação no campo da prática religiosa*Sueli Maria Ramos da Silva (USP - FFLCH)*

As relações entre enunciação e paixão têm sido exploradas de diversas perspectivas na semiótica francesa. Assim, com base na fundamentação teórica oferecida pela semiótica greimasiana, no que diz respeito ao exame da dimensão passional do discurso e da noção de “práticas semióticas” (Fontanille, 2006, 2008), procuramos, como objetivo específico deste trabalho, examinar os mecanismos de produção do efeito de sentido afetivo ou passional depreensível da prática ritualística católica da oração. Tomamos a oração enquanto um ato de linguagem, uma práxis cognitiva, pragmática e ritual. Estabelece-

mos como recorte as seguintes orações devocionais cristãs: (a) Salve-Rainha; (b) Ladainha de Nossa Senhora. Dentro da perspectiva de estudo da crença no âmbito semiótico, procuramos analisar textos representativos da prática religiosa católica, que julgamos nomeá-los como pertencentes à experiência da palavra, e dos quais nos ocupamos no presente trabalho. Propomos, assim, mediante a análise do discurso oracional, estabelecer algumas considerações a respeito da estrutura aspectual e, por conseguinte, passional do crer, considerando o aspecto fiduciário envolvido nessa prática católica. Temos como característica desse enunciado a direcionalidade tensiva orientada para a expansão espacial e desaceleração temporal. Verificamos, assim, a exposição da práxis devocional mediante uma concepção descendente, difusa e ampla. Procuramos delinear, desse modo, o estilo do enunciado da experiência da palavra (prática católica da oração) mediante uma direção descendente, própria à lógica implicativa. Assim, no que concerne à aspectualização no nível discursivo, temos a presença de um estado de crença durativo. A formação discursiva, como sistema de crenças e aspirações, fundada em figuras e temas de determinado discurso, e a escolha de recursos relativos à gramática da língua refletem na incorporação de um éthos da resignação. Ao éthos da resignação associamos o sujeito (fiel) submisso às práticas ritualísticas devocionais que a elas deve se submeter a fim de obter o objeto valor almejado “salvação”.
(*sueliramos@usp.br*)

Misticismo e religiosidade no romance policial de 1980 a 2009

Fernanda Massi (UNESP - FCLAr)

Tendo como parâmetro para a narrativa policial o modelo criado por Edgar Allan Poe no século XIX, que inseriu a figura do detetive Auguste Dupin em contos de mistério, este trabalho analisa os sete romances policiais mais vendidos no Brasil no período de 1980 a 2009, sob a perspectiva da semiótica greimasiana. Edgar Allan Poe criou uma narrativa composta por um crime de autoria desconhecida e uma investigação em busca da identidade do criminoso, realizada por um detetive profissional e infalível. Nos romances policiais mais vendidos no Brasil de 1980 a 2009, há questões místicas e religiosas que manipulam o fazer do criminoso e/ou do detetive. O crime é também o fato de uma instituição religiosa esconder a verdade da humanidade. Com isso, o assassinato deixou de ser um programa narrativo de base, como era nos romances policiais tradicionais, e tornou-se um programa narrativo de uso.

Revelar os segredos protegidos pela Igreja ou por uma instituição religiosa tornou-se mais importante do que descobrir a identidade do criminoso. Assim, a configuração do gênero policial foi alterada, fazendo com que o detetive e o criminoso assumam perfis diferentes dos detetives e dos criminosos dos romances policiais tradicionais. Nosso objetivo é verificar o quanto e de que maneira o misticismo e a religiosidade modificaram o gênero policial e criaram um novo tipo de narrativa. (f_massi@hotmail.com)

Uma análise semiótica do mito de Helena: o mito e seus componentes fundamentais nas retextualizações

Wadlia Araújo Tavares (UFC)

Ao longo dos séculos, o mito transmite e solidifica culturas. Conforme Barthes (2007, p. 199-204), “o mito é uma fala”. O autor francês diz ainda que “o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem” ou, ainda, “um modo de significação, uma forma”. Para muitos estudiosos, o mito é considerado como a linguagem primeira, a origem de todos os discursos, o mito é também apresentado pelo semioticista francês como “a História que transforma o real em discurso; é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica”. Entendendo e aceitando a proposição de Roland Barthes, analisaremos o percurso gerativo de sentido que está subjacente ao mito de Helena. Em Greimas e Courtés (2008, p. 312-313), o mítico é posto como “nível discursivo subjacente e anagógico, reconhecível quando da leitura de seu nível prático”, ou seja, “apresenta-se como uma narrativa de ações com os atores nela implicados”. Barthes (2007, p. 210) diz que “a característica fundamental do conceito de mítico é ser apropriado (...) define-se como uma tendência”. Propomo-nos desvendar “a gramática que preside à construção do texto”, segundo Fiorin (2005, p. 9). Esta pesquisa tem por objetivo apontar que componentes formadores do mito Helena que resistiram às retextualizações subseqüentes desde seu primeiro registro em *A Ilíada*, de Homero. Analisaremos as retextualizações do mito em textos das peças gregas *As troianas*, *Hécuba* e *Helena*, do dramaturgo grego Eurípedes. Para alcance do objetivo proposto, utilizamos os pressupostos teóricos da semiótica discursiva de origem francesa desenvolvida pelo linguista lituano Algirdas Julien Greimas e disseminada no Brasil pelos brasileiros José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros. (wadliaat@gmail.com)